

ECONOMIA SOLIDÁRIA: embrião de uma nova sociedade

Introdução

*“Vocês irmãos precisam ir lá onde a gente está escondida.
Chamar uma e chamar outra. Colocar a gente junto.
E então, nós mesmo fazemos a revolução”
(Dona Idair da Silva)*

Apresentamos aqui o nosso sexto subsídio “Alimentando as Linhas”. Ele vem somar em um caminho de reflexão construído coletivamente e pautado pelas Linhas Inspiradoras assumidas no último capítulo geral. Já transitamos pela metodologia (LI 04), pela missão ad-gentes e além fronteiras (LI 06) e refletimos fortemente sobre a temática das Políticas Públicas (Destaque 05).

Neste subsídio somos convidadas a olhar para o destaque 01 das nossas Linhas Inspiradoras. Somos convocadas a inserir-nos no tema da Campanha da Fraternidade deste ano e, a partir do apelo trazido por tantas mulheres e homens que há tempo insistem e resistem, tecendo um “outro mundo possível”, refletir sobre **Economia Solidária**, um projeto de sociedade sustentável.

Muito se tem conversado, refletido e escrito sobre este tema. Os encontros, as reuniões, os planejamentos, as avaliações... A Economia Solidária, embora ainda não a compreendamos completamente, passou a ser tema de nossas conversas, cotidiana ou eventualmente. Nenhuma de nós pode dizer que quase não ouviu falar sobre isso. A pergunta que surge, no entanto, é se realmente compreendemos e assumimos a Economia Solidária como parte de nossa vida e missão. Ou ainda, se conseguimos dar passos significativos na vivência de uma nova forma, mais justa e solidária, de produzir e distribuir e, especialmente, de consumir. Afinal, o “Outro mundo possível” proclamado com tanta paixão pelos grupos organizados, não corresponde exatamente ao sonho evangélico do Reino de Deus?

A resposta a estes e outros questionamentos encontra-se em cada uma de nós e em nossas fraternidades e irmandades, tanto nas relações internas, quanto nos laços estabelecidos com o povo com quem convivemos e com a natureza – a *irmandade universal* de Francisco e Clara de Assis.

1- Economia

O termo ECONOMIA vem do grego – OIKOS = CASA e NOMOS = NORMAS ou LEI. Economia é a arte de cuidar da casa; normas, jeito, maneira de gerir e administrar a casa.

Economia e ecologia são duas ciências inseparáveis. Enquanto a economia prevê as normas para cuidar e administrar a casa, a ecologia estuda as relações que acontecem entre os elementos da casa comum, o planeta terra.

A economia não é uma ciência distante de nós. Ela é o conjunto das relações cotidianas nas esferas políticas, sociais, culturais, religiosas e ambientais, estabelecidas numa sociedade. Essas relações podem levar ao cuidado da casa comum, ou à sua destruição. Tudo depende dos princípios adotados: se são de ética e sustentabilidade, ou de “desenvolvimento”, baseado no lucro e concentração de riquezas.

2- Economia Capitalista

Na sociedade capitalista, as atividades econômicas são orientadas para gerar riquezas com base na propriedade privada dos bens, dos recursos e dos meios de produção. Esse sistema funciona acumulando e concentrando bens, nas mãos de quem já os tem. Gera grande desigualdade entre pessoas, territórios, regiões e países

Nesse modelo de sociedade, quem não detém os recursos possui apenas a força de trabalho, que é vendida para quem já tem bens e riquezas acumuladas, em troca de um salário incapaz de satisfazer as necessidades básicas de alimentação, moradia, saúde, educação etc. Mais agravante se torna porque, nem sempre, é possível exercer a “liberdade” de vender a força de trabalho. O desemprego significa então, a condenação à miséria total de milhões de pessoas.

O foco central desse sistema é o lucro e a produção de bens para serem vendidos. Já na década de 1950, um consultor americano de vendas dizia: *“A nossa economia enormemente produtiva, requer que façamos do CONSUMO o nosso modo de vida, que busquemos a nossa satisfação espiritual ou do nosso ego, no CONSUMO. Nós precisamos de coisas consumidas, destruídas, gastas, substituídas e descartadas, numa taxa continuamente crescente”*.

Consumir tornou-se, não um ato para satisfazer as necessidades, mas sim uma forma de oxigenar o sistema capitalista. **É o consumismo “uma forma de vida”**. Assim, quem não detém recursos para consumir, se encontra excluído do sistema.

Nessa lógica, muitas empresas e até mesmo governos, em nome da “responsabilidade social”, incentivam e apoiam financeiramente projetos sociais focados em crianças, jovens, idosos, geração de renda etc. Não buscam efetivar uma política de distribuição de renda. Pelo contrário, garantem, mais ainda, a concentração da riqueza, fazendo com que pessoas excluídas do direito de consumir, sobrevivam com migalhas e se conformem com a situação que lhe é imposta.

Quem dita as regras e a direção a ser seguida, é o MERCADO. Ao invés da política determinar o tipo de mercado, é o mercado que determina o tipo de política a ser implantada. Assim, os governos, também os de esquerda, são obrigados a adotar, por exemplo, o agronegócio e a construção de grandes hidrelétricas, como modelo de desenvolvimento, mesmo sabendo que é altamente destruidor da vida no planeta. Prova disso foi a Conferência de Copenhague onde não houve acordo para preservação ambiental, pois isso implicaria em mudar as regras do mercado. E, cuidado e preservação dos recursos naturais não combinam com lucro.

3- Economia Solidária

Se economia é a arte de cuidar da casa, **economia solidária é a arte de cuidar da casa de todos/as, de forma solidária, numa complementariedade e reciprocidade entre natureza, trabalhadores/as e consumidores/as.**

Economia solidária **não** é geração de renda, não são micro-empresas de fundo de quintal, trabalho manual ou artesanato; não é troca, não é reciclagem... Pode vir a ser.

Essas ações, por si só e sem articulação, levam à inclusão produtiva de pessoas excluídas do sistema (desempregados/as, mulheres e homens de baixa escolaridade, jovens ...). Contudo, a economia capitalista, extremamente concorrente e concentradora das riquezas, não dá espaço e, em pouco tempo, as exclui novamente. É um círculo vicioso.

Economia solidária é uma **proposta de SOCIEDADE sustentável**, que coloca a **VIDA** no centro. Não se resume a um produto, ou a um objeto. Ela se constitui num sistema que vai muito além dos próprios empreendimentos; envolve pessoas comprometidas com um mundo solidário, ético e sustentável. *“É formada por uma constelação de formas democráticas e coletivas de produzir, distribuir, poupar e investir”* (Paul Singer).

As práticas de economia solidária envolvem mudança cultural, exigem que as pessoas que foram formadas no capitalismo sejam reeducadas. E, o verdadeiro aprendizado se dá com a prática. *“Quem ensina aprende ao ensinar, e quem aprende ensina ao aprender”* (Paulo Freire).

A economia solidária não é apenas um projeto de uma nova economia, mas de uma nova sociedade. Não é um movimento de cima para baixo. Trata-se de um novo conceito de revolução, onde predomina a descentralização e a participação na construção de valores e culturas. *“A grande*

diferença em relação às revoluções anteriores, está em que, na Economia Solidária, não é preciso esperar pela tomada do poder político para que os avanços aconteçam – ela mesma é parte da tomada do poder político, ela mesma é parte da revolução, ela mesma é parte da transição e da construção do socialismo” (Orlando Nuñez).

A economia solidária não é uma alternativa de sobrevivência no sistema capitalista; é **uma proposta de vida para a humanidade e para o planeta, o embrião de uma nova sociedade**, que encontra espaço e se fortalece na articulação em rede.

Ela propõe a superação da lógica mercadocêntrica que preside esse modo de existir humano. Não se trata de extinguir a riqueza que circula. Trata-se de fazer circular a riqueza com uma outra lógica: da lógica da concentração para a lógica da desconcentração; da lógica da concorrência que comanda o mercado livre, para a lógica da cooperação que comanda o mercado solidário.

O mercado foi inventado pelas pessoas e tudo o que foi inventado por pessoas, por elas pode ser reinventado. Ele foi constituído socialmente e pode ser socialmente desconstruído, sob um outro olhar, sob uma outra lógica, a lógica solidária.

Como se pode fazer isto?

- ✓ Por meio de uma nova forma de consumir. O ato de consumir não é apenas econômico, é também ético e político. Ao selecionar e consumir produtos das redes solidárias e cooperativas, você estará contribuindo para o fortalecimento dessa nova proposta de sociedade. Será consumidora solidária quando o que consome satisfaz as necessidades, promove o bem estar dos/as trabalhadores/as que elaboraram aquele produto ou serviço e mantém o equilíbrio dos ecossistemas.
- ✓ Apoiando a organização e articulação de empreendimentos de economia solidária. Promovendo a organização de grupos de geração de renda que além de produzir de forma coletiva-cooperada, e que respeita o meio ambiente, se articulam em rede com outros grupos e refletem uma proposta de sociedade sustentável.
- ✓ Articulando produtores, prestadores de serviços e consumidores da sua comunidade. Fazendo circular a riqueza que existe em seu próprio bairro, município ou região, sem buscar produtos de grandes empresas cujo transporte faz crescer a poluição no planeta.
- ✓ Formando grupo de estudo e aprofundamento sobre economia e consumo solidário, aproveitando da cartilha “Outro consumo é possível” e outros materiais disponíveis. É só solicitar.
- ✓ Reduzir o consumo, reutilizar, reciclar...

*Caminhando lado a lado, nessa estrada, vamos lá.
Construir um novo mundo e o planeta transformar.
Com humanidade, solidariedade, nós vamos vencer!
Com muita coragem, esta nossa luta pode nos dizer...
O quê?
Aqui, um outro mundo é possível, se a gente quiser!
(Parte da Música do FSM)*

4- Economia solidária: uma metodologia missionária

A província São Francisco de Assis, em dezembro de 2009, realizou um Encontro (assim foi chamado) que reuniu noventa e nove irmãs da província. Neste encontro, foram organizadas oficinas diversas, onde cada uma das irmãs escolhia o tema de seu interesse. Uma dessas oficinas tratava da Economia Solidária.

Para que não fosse apenas um momento para repetir os conceitos básicos da Economia Solidária, convidamos para participar conosco, Dona Idair, mulher negra da periferia de Almirante Tamandaré que, por sua vez, é periferia da Região Metropolitana de Curitiba. Dona Idair - uma

gigante da Economia Solidária, como costumamos brincar – é, então, uma mulher negra que se “esconde” na periferia da periferia.

Realizadas as oficinas, veio o momento de socialização dos trabalhos. Ao terminarmos, todas nos sentamos, menos Dona Idair, que pediu a palavra. Após um forte apelo a todas nós, para que abraçássemos a causa da Economia Solidária, ela disse uma sábia frase que foi repetida pelas irmãs várias vezes até o final do Encontro: **“Vocês irmãs não imaginam a força que têm. Não conhecem a força que têm. Mas, vocês irmãs precisam ir lá onde a gente está escondida. Chamar uma e chamar outra. Colocar a gente junto. E então, nós mesmo fazemos a revolução”**.

Nenhuma de nós, depois desta fala, se perguntou ou perguntou ao grupo o que era preciso fazer. Estava dito. Ficara claro. O que nos foi dito pela mulher negra que “se esconde” na periferia da periferia é paráfrase da nossa Forma de Vida *“Vivemos no meio do povo como peregrinas (...) Assumimos a condição dos pobres e, juntos, aprendemos a vivência dos valores evangélicos na construção da justiça e da paz, testemunhando a esperança cristã e sendo para o mundo sinal do amor fraterno”* (CCGG 29).

Dona Idair nos indicara a metodologia missionária. Primeiramente nos fez recordar que fomos chamadas e enviadas: *“Vocês irmãs não imaginam a força que têm. Não conhecem a força que têm”*. Somos portadoras de “uma força” que não nos pertence, mas que nos é cotidianamente confiada pelo Senhor para que nossa vida seja colocada a serviço. Como podemos conhecer tamanha dádiva?

Uma vez que nos faz recordar a missão que nos foi confiada, Idair define o lugar da missão. *“... vocês irmãs precisam ir lá onde a gente está escondida”*. Esse é o lugar, lá onde os pobres estão escondidos, em seus cantos – como eles mesmos chamam – um lugar teológico da Revelação de Deus. O espaço social, teológico e geográfico onde somos enviadas a descobrir as Sementes do Verbo, sementes do Reino que estão a germinar. *“Isto lhes servirá de sinal: encontrarão um menino, envolto em faixas e deitado numa manjedoura”* (Lc 2, 12). Reconhecer a Revelação do Mistério no “escondido” da vida do povo. Mistério que é raiz e fonte de inspiração de nossa vida e missão.

Em seguida, a *mulher escondida* da periferia de Almirante Tamandaré, nos faz resgatar o valor do coletivo, da fraternidade, da irmandade: *“Chamar uma e chamar outra. Colocar a gente junto”*. A comunidade é o espaço propício da transformação. Quando há comunhão há esperança. E a esperança é a força que leva à conquista de um mundo justo, fraterno e solidário. O sonho comum é a força motriz do Reino, este “outro mundo possível” que buscamos construir e que junto aos/às simples já podemos vislumbrar.

No final da conversa recordamos os verdadeiros protagonistas da transformação: *“E então, nós mesmo fazemos a revolução”*. O povo organizado é agente de transformação. Às vezes nos sentimos fracas e incapazes frente à situação que vivemos no contexto atual. O sistema capitalista aparece como um monstro aparentemente invencível e avassalador, contra o qual nada podemos fazer. Dona Idair, no entanto, com suas simples palavras denuncia nosso individualismo pretensioso e anuncia a força da organização popular. Reaviva nossa esperança de que a revolução da solidariedade é possível e a fazemos coletivamente, após termos a coragem de estarmos juntas/os.

Sem ter consciência que iria causar tanto movimento, Dona Idair foi para nós sinal da manifestação de Deus.

Ora, o que é a metodologia – creio que pode assim ser chamada – que ela nos trouxe, senão a mesma apresentada por Jesus, no momento da multiplicação dos pães? Primeiro ele percebeu que havia uma multidão faminta, que algo precisava ser feito. Ao incumbir os discípulos dessa missão, os fez perceber que, embora eles nada tivessem, a solução estava no povo. Era o povo que tinha o que se precisava para a partilha, mas estava “escondido”. Logo, pediu aos discípulos que chamassem um e outro, que os colocassem juntos, organizados (o evangelho nos diz que em grupos de cem e de cinquenta), sentados na grama.

Talvez aquele povo, e também os discípulos, tenham passado muito tempo sentados na grama. Sentar juntos/as não é fácil. É preciso tempo, até que todos/as se sintam parte do processo, à vontade para a partilha e descubram que também trazem algo precioso que está “escondido” e precisa ser revelado. Depois, com a bênção de Deus, o milagre da partilha aconteceu. Todos/as ficaram saciados. (cf Jo 6,1-15; Mc 6,30-44)

“Aqui, um outro mundo é possível se a gente quiser” e fizer.

Para refletir:

- ❖ A partir da fala de Dona Idair, que passos podemos dar em nossa comunidade para que o “Outro Mundo”, o Reino de Deus, aconteça aqui e agora?
- ❖ Como entendemos a proposta de sociedade fundamentada nos princípios da economia solidária?
- ❖ Mudando nosso hábito de consumo ajudamos a mudar o mundo. O que podemos mudar no nosso jeito de consumir?

*“Mas com a gente vai ser diferente, porquê?
Aqui, um outro mundo é possível se a gente quiser!”
(Parte da música do FISM)*

Referências bibliográficas:

SINGER, Paul.

Uma utopia militante: Repensando o socialismo – Petrópolis-RJ, Ed Vozes, 1998.

GADOTTI, Moacir.

Economia Solidária como práxis pedagógica – São Paulo-SP, Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2009.

LE MONDE, Diplomatique.

Desafios da Economia Solidária - Gadotti, Moacir (org.) São Paulo-SP, Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2008.

BLAUTH, Guilherme e **ABUHAB** Patrícia.

De olho na vida: reflexões para um consumo ético – Florianópolis-SC: Intituto Harmonia da Terra, 2006.

BAUMAN, Zygmunt.

Vida para o consumo: a transformação de pessoas em mercadorias. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro-RJ, Jorge Zahar Ed, 2008.

POLANYI, Karl.

A grande transformação: as origens de nossa época. Rio de Janeiro-RJ, Ed. Campus, 2000.

Irmã Mágda Luzia Mascarello - magdaluzacf@hotmail.com

Irmã Lenita Gripa – legripa@yahoo.com.br